

Em 1976, ele era só um rapaz de vinte e poucos anos correndo pelo asfalto fervente de São Paulo, orgulhoso do uniforme marrom-café recém-estreado. Desatava o nó viário no apito e no braço, guiado pelos colegas que, do alto das torres, tentavam antecipar o caos no binóculo.

Os anos atropelaram as velhas pranchetas, abrindo espaço para os computadores. No começo, ele olhava para os monitores duvidando que alguma máquina possuísse a malícia da rua de um agente de carne e osso. Apanhou um bocado para se acostumar, mas logo se rendeu à precisão dos programas e redes. O que antes parecia mágica era simplesmente o inevitável avanço da tecnologia: o geoprocessamento transformava a grande besta da cidade em camadas e arquivos, dando nome, data e quantidade ao caos. A cidade deixava de ser um labirinto de concreto para se revelar um ecossistema maleável e previsível, decifrado antes mesmo de o congestionamento travar tudo.

Hoje, a farda descansa no armário e seu posto de observação é a janela da sala. O trânsito de São Paulo continua um monstro gigantesco, mas ao observar o avanço das ciclovias redesenhando a rua e a Faixa Azul salvando a pele dos motociclistas, um sorriso de orgulho escapa. Na sua época, não usavam o conceito de mobilidade sustentável, mas hoje ele entende que um trânsito humanizado vai além de fazer os motores andarem, é sobre democratizar o território e dar espaço a todos no meio do caos. E, no fundo, seja acompanhando o pulso das ruas num monitor ou no velho apito, o desafio da CET continua sendo exatamente o mesmo: proteger a vida.